

BELAS-ARTES, PAIXÃO E IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESTÉTICA DE VOLTAIRE

Vladimir de Oliva Mota¹

Resumo: O problema aqui é o de identificar, no pensamento voltairiano, a especificidade do seu uso das belas-artes com o fim de formar o caráter moral da humanidade. Por que as belas-artes são a sua arma de combate? Para isso, é necessário estabelecer o vínculo entre as paixões e a imaginação no pensamento de Voltaire, para, em seguida, responder à questão “por que educação estética?”

Palavras-chave: Belas-artes. Paixão. Imaginação. Educação estética. Voltaire.

Resumé : Le problème ici est d'identifier, dans la pensée de Voltaire, la spécificité de son utilisation des beaux-arts pour former le caractère moral de l'humanité. Pourquoi les beaux-arts sont-elles ses armes? Pour cela, il faut établir le lien entre les passions et l'imagination dans la pensée de Voltaire, pour ensuite répondre à la question "Pourquoi une éducation esthétique?"

Mots-clés: Beaux-arts. Passion. Imagination. Éducation esthétique. Voltaire.

Introdução

O mal moral, aquele provocado pelas ações humanas viciosas, é a maior preocupação do pensamento voltairiano, o que explica seu contumaz combate pelo aperfeiçoamento do caráter moral da humanidade. Voltaire é um legítimo representante da Filosofia do Iluminismo cujo sentido só pode ser compreendido, assim adverte Ernst Cassirer, pelo poder dessa filosofia não só de comentar *a posteriori* e de refletir, mas de organizar a vida (Cf.: CASSIRER, 1997, p. 11). Em toda a sua obra, Voltaire apresenta-se como reformador dos costumes; nesse sentido, fazer filosofia para ele é polir os corações, tornar o indivíduo sociável, formando um ser humano honesto; nas palavras de Jean Goldzink sobre Voltaire: “[...] filosofia é o aprendizado do controle, a educação das pulsões” (GOLDZINK, 1994, p. 136). Com sua obra, Voltaire ensina a viver em sociedade, combate os inimigos da razão, propõe a moderação das paixões, ações que ampliariam o bem-estar individual e coletivo, que possibilitariam a felicidade. O caminho a esse fim é o uso esclarecido e livre da razão.

¹ Doutor em Filosofia (USP), Professor do Departamento de Artes Visuais e Design e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Assim, com vista aos costumes, pretende provocar o pensamento: “Pense e deixe pensar! Esse é o consolo dos nossos fracos espíritos nesta curta vida” (VOLTAIRE, 1995, p. 53A). Sua obra é, portanto, um convite à reflexão contra o mal moral. A educação está na base de todos seus textos, atribuindo a todos estes uma função didática, trata-se do uso da pena para formar os espíritos (Cf.: CHANFRAULT, 1995).

Esse combate pela formação do caráter moral, esse convite ao pensamento racional, tem como arma as artes! Doravante, estas são aqui referidas pela expressão corrente no século XVIII: belas-artes. Apesar de considerar as belas-artes indiferentes à virtude e ao vício, podendo servir igualmente a um quanto a outro, Voltaire não negligencia em lhes atribuir um fim educativo, um fim civilizatório.

A educação estética, entendida como um meio de tonar os sujeitos receptivos às obras de arte, acolhendo as emoções estéticas, desenvolvendo o gosto, constitui, nos termos de Denys Riout, “[...] uma via permanente para ultrapassar as tensões que não deixam de se estabelecer entre os apelos dos maus instintos e as sugestões da razão” (RIOU, 2010, pp. 667-668). Para Voltaire, a educação estética, nesse sentido, abre o caminho da liberdade a uma humanidade enfim tornada mais harmoniosa e para a qual os sentidos e o espírito estariam próximos de uma reconciliação e, conseqüentemente, tornando a humanidade mais virtuosa, civilizada, viabilizando assim uma felicidade possível individual e coletiva.

Evidentemente, Voltaire não inaugurou o vínculo entre belas-artes e pedagogia moral. Os laços entre moral e belas-artes remontam à antiguidade, então *téchne*: o banimento dos poetas miméticos da cidade ideal revela os argumentos platônicos segundo os quais as belas-artes podem estar diretamente implicadas nas questões morais. Com Platão, pela primeira vez na história da filosofia, belas-artes são tomadas como um veículo de uma visão de mundo que pode ser inculcada a jovens e a adultos, pressupondo que o gozo estético tem conseqüências morais. Os valores respectivos das belas-artes e da moral foram ligados ao curso da antiguidade e do medievo; a modernidade, ao contrário, como se sabe, estabelece uma dissociação entre essas duas esperas. Todavia, para Carole Talon-Hugon, “desde o fim do século XX, vários sinais atestam uma mudança na maneira de pensar os laços desses dois domínios. [...] É preciso, portanto, reconsiderar a natureza dos laços do belo e do bem” (TALON-HUGON, 2012, p. 11).

A maior parte dos filósofos das Luzes, que se debruçou sobre a estética, considerou que o desenvolvimento do gosto do belo era favorável à moralidade. Para aqueles filósofos, as paixões não são tomadas apenas como objetos da representação artística, elas são também a sua finalidade. Importa lembrar que, até o século XV, não havia para as artes da visão, que Batteux, no século XVIII, denominará de “arte que apreendemos pelos olhos”: pintura e escultura (BATTEUX, 2019, p. 37), um grande tratado teórico de doutrina sistematizada. A obra *Da pintura*, de 1435, de Leon Battista Alberti, é considerada como, na literatura artística, a primeira a tomar a pintura como objeto de teoria e doutrina sistematizadas. Assim, a perspectiva de se tomar as paixões como objeto e finalidade da representação artística decorre da importação das categorias da *Poética* aristotélica para as belas-artes em geral, que exige esses fins: emocionar, instruir e agradar. Segundo Carole Talon-Hugon, são os mesmos fins designados pela retórica de Cícero e que as teorias da pintura e da literatura dos séculos XVII e XVIII vão desenvolver (TALON-HUGON, 2015, pp. 20-21). Nesse sentido, na criação artística, o arranjo das figuras, a escolha do momento, a expressividade, a verossimilhança etc. são destinados a provocar reações afetivas, agradando e emocionando. Além disso, essa criação deve também educar. A noção de catarse da *Poética* de Aristóteles prestou-se a infinitas interpretações, até o século XVII, a interpretação que se lhe dá é moral e, mesmo no século XVIII francês, essa interpretação ainda resiste. Assim, belas-artes têm o poder e o dever de instruir moralmente a humanidade.

O problema aqui é o de identificar, no pensamento voltairiano, a especificidade do seu uso das belas-artes com fim de formar o caráter moral da humanidade. Por que as belas-artes são a sua arma de combate? Para isso, é necessário estabelecer o vínculo entre paixões e imaginação no pensamento de Voltaire, para, em seguida, responder à questão “por que educação estética?”

I – Paixões: o motor das ações humana

Os seres humanos possuem a faculdade de pensar, ter razão, e de sentir, ter paixões. O balanço, a relação entre essas duas faculdades é o nó górdio do problema moral que Voltaire pretende desatar. Pois, por um lado, as paixões são necessárias, tanto no sentido de imprescindíveis à convivência, como motor de suas ações; quanto

no sentido de que, por serem naturais, não é possível eliminá-las. Por outro, se desordenadas, são a causa dos males morais.

Para Voltaire, as paixões são o motor das ações humanas e a razão o guia a orientar sua conduta. Diz o filósofo: “Ele [o ser humano] é dotado de paixões para agir e de razão para governar suas ações” (VOLTAIRE, 1995, p. 107A). Nesse sentido, quando as paixões transportam os seres humanos, eles se afastam da lei moral e são levados a cometer injustiças. Os textos voltairianos são fontes inesgotáveis de demonstrações de como paixões mal ordenadas provocam intermináveis males, e sua obra impressiona pela diversificação da expressão de seu pensamento. Este se acomoda não apenas ao tratado rigoroso, mas também ao diálogo, ao romance, ao poema, ao conto, à correspondência, ao ensaio, à peça de teatro, ao verbete de dicionário...

As paixões, em sendo naturais, eliminá-las é impossível, pois não se trata de um elemento culturalmente adquirido na história, mas fazem parte da constituição humana. Assim, subtrair as paixões da humanidade é desejar desnaturalizá-la. Voltaire ironiza: “Quem quer destruir as paixões, ao invés de as regular, quer criar o anjo” (VOLTAIRE, 1995, p. 131A). Além disso, é possível fazer um bom uso das paixões, desde que orientadas corretamente. Por exemplo, quanto à inveja, Voltaire sugere que ela seja transformada em emulação, paixão que provoca os seres humanos à produção, à criação. Assim, não se deve desejar excluir as paixões, caso isso fosse possível, porque algumas vezes elas causam problemas morais; é preciso regulá-las para evitar tais problemas e, dessa forma, fazer delas um instrumento em benefício à sociedade. Diz Voltaire, referindo-se à necessidade das paixões:

O amor-próprio e todas as suas ramificações são tão necessárias ao homem como o sangue que corre em suas veias, e aqueles que querem lhe tirar suas paixões, porque são perigosas, parecem com aqueles que gostariam de extrair do homem todo o seu sangue porque ele pode cair em apoplexia. (VOLTAIRE, 1995, p. 195B)

Com uma clareza própria, Paul Hazard recorre a uma belíssima imagem que traduz essas características ligadas às paixões humanas para os pensadores do século XVIII: a necessidade e a utilidade. Explica Hazard:

As paixões são úteis: e, para o provar, repetia-se uma metáfora que ia passando de livro para livro, acrescentando cada autor algumas variações ao tema: tal com os pilotos temem as calmarias e invocam os ventos que lhes impelem o barco, muito embora esses ventos tragam por vezes consigo a tempestade, assim as paixões nos animam, quase nos submergem se não tomamos cuidado, mas sem elas não poderíamos navegar. A moral dirigindo as paixões será o leme, o compasso e o mapa, que permitirão ao homem seguir a rota da felicidade que a natureza lhe indica. (HAZARD, 1989. p. 157)

Para Voltaire, cometem-se prodigiosamente injustiças no furor das paixões tal qual se perde a razão na embriaguez; todavia, passando o efeito dessa embriaguez, a razão retorna. Há na humanidade a faculdade de superar os seus transportes e de examinar o que lhe parece melhor; caso contrário, se ela apenas agisse seguindo necessariamente as paixões, faltar-lhe-ia um elemento crucial à humanidade: a razão que lhe permita escolher. Conclui Voltaire, numa carta a Frederico II de outubro de 1737: “O poder de agir em conformidade com a escolha, eis o que torna a liberdade plena e inteira” (VOLTAIRE, 1999-2005A).

II – Imaginação: o combustível do motor das ações humanas.

No verbete “Imaginação, Imaginar” da *Enciclopédia*, Voltaire assim a define: “Imaginação é o poder que todo ser sensível experimenta em si de representar em seu espírito coisas sensíveis” (VOLTAIRE, 2015, p. 337), ou seja, imaginação é a faculdade de receber ideias, retê-las e compô-las. Trata-se, talvez, do único instrumento com o qual compomos ideias. Não é possível compreender a engrenagem de funcionamento dessa faculdade, suas molas, diz Voltaire, são invisíveis.

Há dois tipos de imaginação: passiva e ativa. A imaginação passiva consiste em reter uma simples impressão do objeto; não vai muito além da memória. É comum tanto aos seres humanos quanto aos animais. Há aí uma composição de objetos, mas não há nesse tipo de imaginação a ação do entendimento, da reflexão, há apenas a ação da memória, tal como nos sonhos. Diz Voltaire:

Essa imaginação passiva não necessita da ajuda da nossa vontade no sono, tampouco na vigília. Apesar de nós mesmos, ela pinta o que viram os nossos olhos, ouve o que havíamos ouvido e toca o que havíamos tocado. A eles acrescenta, deles subtrai. É um sentido interno que age com domínio absoluto. Por isso, nada é mais comum do que se ouvir dizer que *não se é mestre de sua imaginação*. (VOLTAIRE, 2015, p. 339. Grifo do autor)

Causa a Voltaire desconforto a impotência humana face à imaginação passiva: em sonho, ideias são combinadas que de modo algum dependem de quem sonha. Ora, interroga espantado Voltaire: “se é incontestável que se formam em nós ideais consequentes durante o sono, independentes de nossa vontade, então quem nos assegurará que elas não são produzidas do mesmo modo durante a vigília?”. (VOLTAIRE, 2015, p. 339)

A imaginação passiva independe, portanto, da reflexão e, o que é aqui mais importante, esse tipo de imaginação é a fonte de nossas paixões: não depende de nossa vontade, ao contrário, a imaginação passiva a determina: “nos dirige aos objetos que pinta ou nos desvia de acordo com a maneira com que os representa. A imagem de um perigo inspira o temor, a de um bem enseja desejos violentos” (VOLTAIRE, 2015, p. 340). Voltaire indica essa imaginação passiva como o instrumento pelo qual alguns se serviram para dominar. Enfim, o efeito da imaginação é quase inexplicável; conclui o filósofo: “Entre nós e os primeiros impulsos [*ressort*: mola, energia, força que faz agir] de nosso ser, há o infinito” (VOLTAIRE, 2015, p. 340).

Quanto ao segundo tipo de imaginação, denominada de imaginação ativa, trata-se daquela que une à memória a reflexão e a combinação: aproxima objetos distantes, separa-os, mistura-os, modifica-os, em uma palavra, arranja ideias.

A imaginação ativa é uma faculdade tão independente quanto a imaginação passiva: “É uma prova de que ela não depende de nós é que, se propuserdes a cem pessoas igualmente ignorantes que imaginem certa máquina nova, 99 não imaginarão nada, apesar de seus esforços” (VOLTAIRE, 2015, p. 340). Se um imagina algo, conclui Voltaire, trata-se de um dom particular a que se chama “gênio”.

Voltaire subdivide a imaginação ativa em duas: “imaginação de invenção” e “imaginação no mundo”. A “imaginação de invenção” é o dom da ordenação de uma pintura, de um poema..., que exige, como foi dito, unir à memória a reflexão e a combinação, e Voltaire ressalta a necessidade da reflexão nesse tipo de imaginação:

ela não pode exigir senão um juízo profundo. [...] É através dela que um poeta cria suas personagens, dá-lhe caracteres, paixões, inventa sua fábula, dela apresenta a exposição, reitera o nó, prepara o

desenlace, trabalho que exige um juízo ainda mais profundo e, ao mesmo tempo, mais refinado. (VOLTAIRE, 2015, p. 341)

Quanto à “imaginação no mundo”, trata-se das mesmas características da “imaginação de invenção”, mas voltada à imaginação de detalhes; ela pinta com vivacidade, entusiasmo², o que os outros espíritos apenas desenhavam, usa as circunstâncias mais impressionantes, dá exemplos... apresenta ao espírito aquilo que ele mais ama: objetos novos.

Enfim, a imaginação ativa necessita sempre do juízo. A imaginação passiva é independente dele.

III – Belas artes como arma de combate pela formação moral?

É já um truísmo aos leitores de Voltaire afirmar que este autor sempre esteve mais preocupado com o efeito prático produzido pelos seus textos do que pelo cuidado em convencer, ou seja, pelo efeito teórico de sua obra. Assim, o combate pela formação do caráter moral de seus leitores se deu pela única arma capaz de tal efeito, a saber: as belas-artes. Por que, então, a escolha pela educação estética? É possível encontrar uma resposta a essa pergunta, entre outras inumeráveis passagens de sua vasta obra, num prefácio escrito em 1738 para sua comédia *L'enfant prodigue*, interpretado dois anos antes, em 1736³. Referindo aos dramaturgos, Voltaire diz o seguinte:

Poderiam [os dramaturgos], facilmente, ir às fontes dos nossos sentimentos, o que excita a alegria, a curiosidade, o interesse, a emoção, as lágrimas. Seriam, sobretudo, aos autores dramáticos a quem cabe nos desenvolver [no sentido de explicar] todos esses impulsos [*ressorts*] porque são eles quem os fazem interpretar. Porém eles estão mais ocupados em agitar as paixões do quem em examiná-las; estão persuadidos de que um sentimento vale mais do que uma definição, e eu sou completamente de sua opinião para colocar um tratado filosófico diante de uma peça de teatro. (VOLTAIRE, 1999-2005C)

² Termo caro ao século XVIII francês. Por exemplo, assim Batteux define entusiasmo: “Uma viva representação do objeto no espírito, e uma emoção do coração proporcional a esse objeto”. (BATTEAUX, 2009, p. 36)

³ O prefácio é mesmo motivado em razão do retardo de dois anos para a publicação da referida peça.

Considerando que as paixões como o motor das ações humanas e a imaginação a fonte de nossas paixões, as belas-artes exercem seu domínio exatamente nestes âmbitos, afetando as paixões e a imaginação e, assim, tornando-se, entres as maneiras diferentes de como o espírito opera objetos, a que mais influência exerce sobre os seres humanos, pois incide diretamente sobre a sensibilidade.

Para Voltaire, as belas-artes devem afetar a imaginação e moderar as paixões. As belas-artes têm esse poder e esse dever. Em 1730, Voltaire explicita a finalidade, por exemplo, de sua escrita de teatro, tanto a tragédia quanto a comédia. Trata-se do *Discours sur la tragédie à Mylord Bolingbroke*, texto que serve de apresentação a sua peça *Brutus*. No *Discours*, Voltaire define o teatro e indica a finalidade de uma peça:

O teatro, seja o trágico seja o cômico, é a pintura viva das paixões humanas. [...] É necessário, ou que o amor conduza a infelicidades ou a crimes, para fazer ver o quanto ele é perigoso; ou que a virtude lhe triunfe, para mostrar que ele não é invencível. (VOLTAIRE, 1999-2005B)

Conclusão

Como foi dito anteriormente, as paixões, cuja fonte é a imaginação, são o motor das ações humanas e a razão o guia a orientar sua conduta. Nesse sentido, a educação estética não é exercida apenas sobre a sensibilidade. Provocada e provocando a imaginação ativa, a arte possibilita apaziguar os conflitos entre os apelos das paixões desregradas e as sugestões da razão. Assim, o acolhimento das emoções estéticas afirma e consolida a sensibilidade e a razão, a educação estética é a via a adocicar os costumes, a via da formação do caráter moral dos indivíduos, viabilizando a civilização.

Seria necessário desenvolver, na sequência à presente discussão, “como é a educação estética?”. Ou seja, como se dá, como se efetiva exatamente, no pensamento voltairiano, essa educação estética, que se propõe a ultrapassar as tensões que não deixam de se estabelecer entre os apelos das paixões desregradas e as sugestões da razão? Contudo, tal iniciativa ultrapassaria as dimensões pretendidas ao presente texto, tornando essa indagação uma discussão a ser considerada em outra oportunidade.

Referências bibliográficas

- BATTEAUX, Charles. *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*. Tradução Natália Maruyama. São Paulo: Humanitas, 2009 (Coleção “A formação da estética”, 3).
- BECQ, Annie. *Génese de l'esthétique française moderne: 1680-1814*. Paris: Albin Michel, 1994.
- BECQ, Annie. Goût. In: TROUSSON, Raymond; VERCRUYSSSE, Jeron. (Dir.). *Dictionnaire général de Voltaire*. Paris: Honoré Champion, 2003.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Tradução Álvaro Cabral. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. (Coleção Repertórios).
- CHANFRAULT, Marie-François. Éducation. In: GOULEMOT, Jean *et al.* (Dir.). *Inventaire Voltaire*. Paris: Gallimard, 1995.
- GOLDZINK, Jean. *Voltaire entre A et V*. Paris: Hachette, 1994. p. 136.
- HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Tradução Carlos Grifo Babo. Lisboa: Presença, 1989.
- MOTA, Vladimir de Oliva. *Voltaire e a crítica à metafísica: um ensaio introdutório*. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.
- NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011.
- MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. (Collection Esthétique).
- RIOUT, Denys. Éducation. In: SOURIAU, Étienne. *Vocabulaire d'esthétique*. Paris: PUF, 2010.
- TALON-HUGON, Carole. Préface. In: DESTRÉE, Pierre; TALON-HUGON, Carole (Dir). *Le beau et le bien: perspectives historique de Platon à la philosophie américaine contemporaine*. Paris: Les Editions Ovadia, 2012.
- TALON-HUGON, Carole. *Une histoire personnelle et philosophique des arts: Classicisme et Lumières*. Paris: PUF, 2015.
- VOLTAIRE. Correspondance. In: _____. *Oeuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005. A
- VOLTAIRE. Discours sur la tragédie à Mylord Bolingbroke. In: *Oeuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005. B

VOLTAIRE. Imaginação, Imaginar. In: DIDEROT, Denis; D’ALEMBERT, Jean Le Rond. *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Vol. 5: Sociedade e artes. Tradução Maria das Graças de Souza *et al.* São Paulo: Editora UNESP, 2015.

VOLTAIRE. *L’enfant prodigue*. In: *Oeuvres complètes de Voltaire*. L’édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005. C

VOLTAIRE. Lettres philosophiques. In: _____. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). A

VOLTAIRE. Traité de métaphysique. In: _____. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). B

Recebido em 17/4/19
Aprovado em 10/11/19